



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS**

**KLENNE MARIA DIAS PIVOTO**

**A FRAGMENTAÇÃO DO EU E A UNIDADE POÉTICA EM FERNANDO  
PESSOA**

**GOIÂNIA**  
**2025/1**

**KLENNE MARIA DIAS PIVOTO**

**A FRAGMENTAÇÃO DO EU E A UNIDADE POÉTICA EM FERNANDO  
PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Letras da Escola de Formação de  
Professores e Humanidades da Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás como um dos  
requisitos para a obtenção do grau de  
licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador(a): Profª. Mª. Helen Suely Silva  
Amorim

**GOIÂNIA**

**2025/1**

**KLENNE MARIA DIAS PIVOTO**

**A FRAGMENTAÇÃO DO EU E A UNIDADE POÉTICA EM FERNANDO  
PESSOA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como um dos requisitos para a obtenção do grau de licenciatura plena em Letras-Português.

Orientador/a: Prof<sup>a</sup> M<sup>a</sup> Helen Suely Silva Amorim

Aprovada em 18/06/2025

**Banca Examinadora**

Profa. Ma. Helen Suely Silva Amorim  
Orientadora – PUC Goiás

Prof. Ma. Telma Mendonça Loures  
Leitora – PUC Goiás

A minha mãe, Clarice, ao meu filho, Patrick  
Conrado e à minha orientadora, Prof<sup>ª</sup>. M<sup>ª</sup>.  
Helen Suely Silva Amorim.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que, em sua infinita misericórdia, fortaleceu-me sempre diante das minhas quedas, dando-me força para levantar e seguir adiante.

A minha querida mãe Clarice, que sempre, com suas orações, intercedeu junto ao Pai e Nossa Senhora para que me dessem livramentos de todo o mal e me encontrasse no caminho que não me atribuisse contendas.

Ao meu querido filho, que sempre me deu orgulho e inspiração para ser uma pessoa melhor.

A minha coordenadora, mestre e orientadora de meu TCC, Prof<sup>a</sup>. M<sup>a</sup>. Helen Suely Silva Amorim, que me ajudou a continuar trilhando para concluir meu curso de Letras.

A Secretária Almeri, que é uma ótima profissional e sempre disposta a nos atender com empatia e muito carinho.

A leitora de meu TCC, Professora M<sup>a</sup>. Telma Loures, que nos transmitiu seu conhecimento com dedicação e carinho.

A todos os professores que me transmitiram um pouco de seus conhecimentos, desde a Área 2 até a área 6. Gratidão a todos sem exceção.

À Pontifícia Universidade Católica de Goiás, especialmente à Escola de Formação de Professores e Humanidades, por ter me acolhido nessa trajetória como minha segunda casa.

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.

(Fernado Pessoa)

# A FRAGMENTAÇÃO DO EU E A UNIDADE POÉTICA EM FERNANDO PESSOA

KLENNE MARIA DIAS PIVOTO

## RESUMO

Neste artigo, analisa-se a fragmentação do sujeito poético na obra de Fernando Pessoa, considerando a tensão entre a pluralidade dos heterônimos e a busca por uma unidade estética e existencial. Através da leitura crítica dos principais heterônimos – Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, e do ortônimo, especialmente na obra *Mensagem*, investiga-se como o desdobramento do “eu” em vozes distintas configura uma das principais marcas da modernidade pessoana. Caeiro representa a simplicidade sensorial e a negação do pensamento metafísico; Reis propõe um ideal clássico de equilíbrio e resignação filosófica; Campos encarna a angústia do progresso e a dilaceração interior. Já o ortônimo, em *Mensagem*, articula uma síntese mítica e simbólica da identidade nacional, como um projeto poético unificador.

**Palavras-chave:** Fernando Pessoa. Heterônimos. Fragmentação do eu. Unidade poética. *Mensagem*.

## SUMÁRIO

|                                                                      |           |
|----------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                               | <b>8</b>  |
| <b>1 A FRAGMENTAÇÃO DO EU POÉTICO.....</b>                           | <b>10</b> |
| <b>1.1 A Criação dos Heterônimos.....</b>                            | <b>12</b> |
| 1.1.1 Alberto Caeiro.....                                            | 13        |
| 1.1.2 Ricardo Reis.....                                              | 18        |
| 1.1.3 Álvaro de Campos.....                                          | 20        |
| <b>2 FERNANDO PESSOA ORTÔNIMO.....</b>                               | <b>23</b> |
| <b>2.1 Mensagem – a voz épica do ortônimo.....</b>                   | <b>25</b> |
| 2.1.1 <i>Brasão</i> – simbologia da fundação de Portugal.....        | 26        |
| 2.1.2 <i>Mar Português</i> – simbologia da expansão marítima.....    | 27        |
| 2.1.3 <i>O Encoberto</i> – simbologia do futuro mítico da nação..... | 28        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                     | <b>30</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                              | <b>31</b> |
| <b>ANEXOS.....</b>                                                   | <b>33</b> |

## A FRAGMENTAÇÃO DO EU E A UNIDADE POÉTICA EM FERNANDO PESSOA

Klenne Maria Dias Pivoto<sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A obra de Fernando Pessoa, um dos maiores poetas da língua portuguesa, é marcada por uma complexidade singular que transcende os limites da criação literária convencional. A fragmentação do eu, expressa por meio da criação de heterônimos<sup>2</sup> – os quais são personalidades poéticas distintas com biografias, estilos e visões de mundo próprias – e do ortônimo, que carrega a voz do próprio Pessoa, constitui um dos aspectos mais fascinantes de sua produção.

Essa multiplicidade de vozes não apenas reflete a pluralidade da experiência humana, mas também levanta questões sobre a possibilidade de uma unidade poética que integre tais fragmentos. A obra *Mensagem* (1934), escrita pelo ortônimo, emerge como um ponto de convergência dessa pluralidade, oferecendo uma visão coesa e mítica da identidade portuguesa, ao mesmo tempo que dialoga com as inquietudes existenciais e estéticas presentes nos heterônimos. Neste sentido, Eduardo Lourenço de Faria afirma: “*Mensagem* é a máscara mais clássica de Pessoa, mas não menos máscara do que as outras. Nela, o sujeito fragmentado investe no sonho de um destino coletivo – o sonho do Império, do mito, da eternidade” (Lourenço, 1994, p. 87). Ele vê *Mensagem* como uma tentativa de dar forma a um “Eu nacional”, em contraste com os “Eus” múltiplos dos heterônimos. Para ele, a obra mantém a tensão moderna entre identidade e desintegração, entre a coletividade e o vazio metafísico.

A relevância deste estudo reside na necessidade de compreender como Fernando Pessoa, por meio de sua multiplicidade criativa, constrói uma obra que, embora fragmentada em diferentes vozes, busca uma unidade poética. A análise dos principais heterônimos de Fernando Pessoa – Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos,

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 8º período do Curso de Letras da PUC Goiás.

<sup>2</sup> De acordo com a etimologia grega: *nome diferente*. Em Pessoa, heterônimo é um outro nome, mas sobretudo o nome de um outro. O personagem de um drama (MARTINS, 2010, p. 333).

bem como do ortônimo, possibilita compreender de que modo essas vozes poéticas dialogam entre si, assim como a obra *Mensagem*, que se configura como uma síntese da visão mítica, histórica e espiritual do autor sobre Portugal.

Este trabalho justifica-se pela atualidade das reflexões sobre identidade, fragmentação e unidade, que ressoam em discussões contemporâneas sobre subjetividade e criação artística, além de contribuir para a valorização do legado literário de Pessoa no contexto da literatura mundial. O objetivo geral desta pesquisa é analisar a fragmentação do eu e a busca pela unidade poética na obra de Fernando Pessoa<sup>3</sup>, com foco nos principais heterônimos e, no ortônimo, especialmente com a obra *Mensagem*.

Esta pesquisa adota o método bibliográfico, fundamentado na revisão e análise de fontes primárias e secundárias. As fontes primárias incluem as obras de Fernando Pessoa, com ênfase nos poemas dos heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, bem como a *Mensagem*, publicada pelo ortônimo. As fontes secundárias englobam estudos críticos, ensaios e artigos acadêmicos, de autores como Eduardo Lourenço, Alfredo Bosi, Massaud Moisés, Rubens José da Rocha, entre outros, que abordam a obra de Pessoa, com foco em temas como heteronímia, fragmentação do “eu” e unidade, poética modernista, simbologia e épica moderna. A revisão e análise da fortuna crítica sobre o tema será conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando a crítica literária como ferramenta para interpretar os textos e identificar os elementos de

---

<sup>3</sup> Fernando Antônio Nogueira Pessoa, mais conhecido como Fernando Pessoa, nasceu em 13 de junho de 1888 em Lisboa, na freguesia dos Mártires e faleceu em 3 de novembro de 1935, com 47 anos de idade. Era filho de Joaquim de Seabra Pessoa, natural de Lisboa, que era crítico musical, e de Maria Magdalena Pinheiro Nogueira Pessoa, natural dos Açores. Ficou órfão de pai aos 5 anos de idade. Aos 7 anos, sua mãe se casa com o comandante militar João Miguel Rosa que foi nomeado cônsul de Portugal em Durban, na África do Sul. Acompanhando sua família, Fernando Pessoa se muda para a África do Sul, onde recebeu educação inglesa no colégio de freiras e na *Durban High School*. Com 16 anos já havia lido os grandes autores da língua inglesa, como William Shakespeare, John Milton e Allan Poe. Em 1905, Pessoa regressou para Lisboa e matriculou-se na Faculdade de Letras, porém deixou o curso no ano seguinte. A fim de dispor de tempo para ler e escrever, recusou vários bons empregos. Só em 1908, passou a trabalhar como tradutor autônomo em escritórios comerciais. Entre 1902 e 1908, Fernando Pessoa escreveu poesias somente em inglês: “Antinous”, “35 Sonnets” e “Inscriptions”, publicadas nos “English Poems”, I, II e III. Só em 1908, começou a compor poesias e prosas em português. Em 1912, Fernando Pessoa estreou como crítico literário na revista *Águia*, e como poeta em *A Renascença* (1914). A partir de 1915, liderou o grupo de intelectuais que fundou a revista *Orpheu*, que lançou o Futurismo em Portugal. Faziam parte do grupo grandes escritores portugueses como Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal, Luís de Montalvor, Almada-Negreiros e o brasileiro Ronald de Carvalho. A revista *Orpheu* foi a porta-voz dos ideais de renovação futurista desejados pelo grupo, defendendo a liberdade de expressão numa época em que Portugal atravessava uma profunda instabilidade político-social da primeira república. Nessa época, criou seus heterônimos principais. Seu único livro publicado em vida e em língua portuguesa foi *Mensagem*, em 1934, um ano antes de sua morte.

composição do autor tanto na produção dos heterônimos, quanto na do ortônimo, com ênfase na obra *Mensagem*.

## 1 A FRAGMENTAÇÃO DO EU POÉTICO

Fernando Pessoa é amplamente reconhecido pela complexidade de sua obra, marcada pela fragmentação do sujeito poético. Essa característica se manifesta de forma única em seus heterônimos – personalidades literárias completas e independentes que vão além de pseudônimos. Essa multiplicidade de vozes permite explorar diferentes perspectivas sobre a condição humana e o “Eu”.

Rubens José da Rocha (2011) analisa essa questão ao destacar que a fragmentação em Pessoa é tanto uma estratégia estética quanto uma vivência psíquica. Segundo ele, “os heterônimos são máscaras que conferem ao poeta a liberdade de ser muitos, enquanto cada máscara se apropria de uma verdade parcial do 'Eu'” (Rocha, 2011, p. 45). Essa multiplicidade está em consonância com uma visão moderna do sujeito, em que a identidade não é unívoca, mas construída em constante negociação com o mundo e consigo mesmo. Essa ideia sugere que os heterônimos são como personagens criados para explorar diferentes aspectos do “eu” do poeta, permitindo que ele experimente múltiplas perspectivas e verdades sem se limitar à unidade de uma identidade singular.

Cada heterônimo tem uma voz, um estilo, uma biografia e até mesmo um sistema filosófico próprios. Assim, as “máscaras” não escondem o poeta; elas o expandem, multiplicando-o, oferecendo ao poeta liberdade criativa e filosófica, pois cada “máscara” encarna uma verdade parcial. Os heterônimos reconhecem que a experiência humana é fragmentada e múltipla.

Ao afirmar que “cada máscara se apropria de uma verdade parcial do eu”, Rocha destaca que nenhuma dessas identidades é a verdade final do poeta. Em vez disso, cada uma delas acessa uma faceta da realidade ou da subjetividade. Isso revela uma visão fragmentada da identidade humana, que não é fixa nem uniforme, mas fluida e mutável. Pessoa, por meio dos heterônimos, parece questionar a ideia de que existe um “eu” unificado, optando por explorar o que significa ser “muitos” em uma única existência.

A criação de heterônimos permite ao poeta transcender as limitações de sua individualidade. Cada máscara dá voz a um aspecto específico do ser, permitindo que

Pessoa, como criador, alcance uma liberdade criativa ímpar e construa um diálogo consigo mesmo e com o mundo. Assim, ele não é apenas um poeta, mas um universo de poetas, cada um habitando uma verdade parcial e colaborando para uma visão mais rica e plural da existência.

Assim, como destaca Rocha, na obra de Fernando Pessoa, a fragmentação do sujeito não é apenas uma característica de sua obra, mas também um testemunho da modernidade, que encontra no poeta português uma voz plural e atemporal.

Como afirma Massaud Moisés (2008), os heterônimos possibilitam apreender “a complexidade do real”, segundo ele, algo inatingível para um único ser. Sendo assim, o poeta

[...] não poderia, obviamente, multiplicar-se em número igual aos seres viventes nas três dimensões temporais. Em vista disso, multiplica-se em heterônimos-símbolos, como se lhe fosse possível chegar a cosmovisões arquetípicas, necessariamente pouco numerosas, nas quais se enquadrariam todas as cosmovisões particulares, incapazes de se expressar como tal (Moisés, 2008, p. 334).

Nesse trecho, Moisés sugere que o criador não pode se desdobrar literalmente em tantos “eus” quanto existem perspectivas ou experiências no mundo. Assim, a criação literária recorre a “heterônimos-símbolos”, construções que transcendem a individualidade e alcançam algo mais amplo, quase universal. Essa multiplicação simbólica busca abarcar as diferentes cosmovisões humanas de maneira arquetípica e condensada.

Podemos explorar essa ideia dentro do contexto da literatura de Pessoa, que talvez seja o exemplo mais claro dessa multiplicidade. Cada heterônimo apresenta-se como um universo próprio, com características psicológicas, estéticas e filosóficas singulares. Além disso, Moisés aponta para a impossibilidade de abarcar toda a diversidade das vivências humanas de forma literal, evidenciando o papel da arte como mediadora entre o particular e o universal. Ao criar símbolos e arquétipos, o escritor consegue transcender os limites de sua experiência pessoal e dialogar com a experiência coletiva.

Na prática, isso revela um dos desafios centrais da literatura: como expressar o inefável, como capturar o particular e, ao mesmo tempo, ressoar no universal. Esse processo de simbolização e construção de arquétipos, conforme destacado por Moisés, é fundamental para que uma literatura permaneça relevante e alcance diferentes leitores, conectando-os a algo que vai além do indivíduo.

Cada heterônimo tem uma biografia, tem um estilo próprio de escrita e visão de mundo, trazendo aspectos diferentes da personalidade e do pensamento de Pessoa. Rocha

(2019) afirma que foi a criação desses personagens que possibilitou ao poeta explorar vários temas, empregando estilos diferenciados o que tornou sua obra bastante diversificada e fascinante.

### **1.1 A criação dos heterônimos**

A criação dos heterônimos é descrita por Pessoa como um processo quase sobrenatural. Como Pessoa explicou em uma carta a Adolfo Casais Monteiro, ele “viveu dentro” de cada um deles, tornando-os mais do que criações literárias, eram extensões de sua psique. Ele narra o dia em que, subitamente, escreveu trinta e tantos poemas de Alberto Caeiro, dizendo que o mestre havia “surgido dentro dele”. Ele explicou que cada heterônimo nasceu para expressar diferentes dimensões de sua personalidade e visão de mundo, tais como influências psicológicas e filosóficas.

Pessoa tinha grande interesse pela psicologia, pela filosofia de Nietzsche e pelas teorias do ocultismo. Esses estudos influenciaram sua percepção da multiplicidade do eu e da possibilidade de coexistência de diferentes personalidades. O poeta parece antecipar, de forma poética, ideias ligadas à fragmentação do eu, um conceito central na psicologia moderna. Ele não via o “eu” como uma unidade fixa, mas como uma multiplicidade de identidades que coexistem dentro de um mesmo indivíduo. Essa ideia é próxima da teoria de personalidades múltiplas, popularizada no século XX por estudos de psicologia clínica, e reflete sua leitura de autores que exploravam a multiplicidade da mente.

O “espírito da época” foi marcado pela psicanálise de Sigmund Freud, por exemplo. A divisão freudiana entre “id”, “ego” e “superego” ressoa com a ideia de que o ser humano possui diferentes camadas e forças internas, algo que Pessoa explorou literariamente nos conflitos e contrastes entre seus heterônimos. Como afirma em carta a Casais Monteiro, “Esta tendência para criar em torno de mim um outro mundo, igual a este, mas com outra gente, nunca me saiu da imaginação” (Martins, 2010, p. 333). Ele tratava a criação dos heterônimos quase como um experimento psicológico em si mesmo, documentando as características de cada um, incluindo detalhes biográficos, personalidades, gostos e até estilos caligráficos.

Fernando Pessoa também foi influenciado por diversas correntes filosóficas, entre elas a de Friedrich Nietzsche, cuja concepção da multiplicidade do “eu” exerceu forte impacto em sua obra. A filosofia nietzschiana, ao rejeitar a noção de um sujeito fixo e

essencial, contribuiu para a elaboração pessoana de um “eu” fragmentado, fluido e em constante transformação – ideia que se manifesta de forma marcante na criação dos heterônimos. Além disso, a noção nietzschiana do *Übermensch* (super-homem) pode ser vista no ideal de Pessoa de transcender as limitações da identidade única, criando várias personalidades como uma forma de liberdade criativa. Suas obras, também, antecipam muitas questões existencialistas, como a busca por autenticidade e o confronto com o absurdo da existência. Em “Tabacaria”, Álvaro de Campos expressa: “Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo” (Pessoa, 2011, 150).

Além disso, Fernando Pessoa demonstrava profundo interesse pelo ocultismo, o que complementava sua visão filosófica e psicológica do mundo. Estudioso de autores como Helena Blavatsky, fundadora da Teosofia, ele também era entusiasta da astrologia, da cabala e de outras tradições esotéricas. Nessa perspectiva, o esoterismo concebe o universo como uma multiplicidade integrada por forças invisíveis, ideia que parece ecoar na criação dos heterônimos, os quais coexistem como manifestações distintas de um mesmo “universo” interior.

As influências psicológicas e filosóficas em Pessoa são vastas e demonstram como ele absorveu e reinterpretou os debates intelectuais de sua época. A criação dos heterônimos pode ser vista como um laboratório literário, no qual ele explorou questões profundas sobre a identidade, a multiplicidade do ser e a busca de significado em um mundo fragmentado. Essa complexidade não apenas consolidou Pessoa como um dos maiores poetas da modernidade, mas também como um pensador cuja obra transcende os limites da literatura.

Os heterônimos de Fernando Pessoa não são apenas uma inovação literária, mas uma profunda exploração da complexidade humana. Eles oferecem múltiplas perspectivas sobre a existência, a modernidade e a condição do homem no mundo. Por meio deles, Pessoa desafiou os limites da poesia e redefiniu o papel do poeta como criador de mundos, e não apenas de versos.

#### 1.1.1 Alberto Caeiro

Alberto Caeiro, o mais enigmático e singular dos heterônimos de Fernando Pessoa, é considerado, por muitos estudiosos, como o “mestre” dos outros heterônimos. Criado em 1914, Caeiro representa a busca pela simplicidade absoluta e pela integração

com o mundo natural. Ele viveu a maior parte de sua vida no campo, rejeita abstrações e valoriza a experiência direta e sensorial do mundo. Seu modo de enxergar a vida reflete uma rejeição radical à metafísica e à abstração, valorizando a percepção direta dos sentidos. Nesse contexto, Caeiro defende que o verdadeiro sentido da existência reside na experiência imediata e concreta do real, sendo o poeta da simplicidade e da imediaticidade. Para ele, a realidade é aquilo que é percebido pelos sentidos, sem interpretações ou simbolismo.

Segundo Rocha (2011), “Caeiro é uma figura quase mitológica, criada para desafiar a visão tradicional de poesia e pensamento. Ele não pensa sobre o mundo: ele o vive em sua plenitude” (Rocha, 2011, p. 52). Essa vivência plena é traduzida em sua obra principal, *O Guardador de Rebanhos*, em que o poeta celebra a simplicidade da natureza e a rejeição do intelectualismo. Em um dos poemas, Caeiro afirma: “Pensar é estar doente dos olhos” (Pessoa, 1993, p.24), um dos versos ilustrativos de sua postura existencial.

Alberto Caeiro também exerce uma profunda influência sobre os demais heterônimos. Álvaro de Campos o reverencia como um mestre espiritual, enquanto Ricardo Reis o admira, embora com algumas reservas, devido à sua postura antirracionalista. Esse diálogo interno entre os heterônimos é destacado por Saraiva e Lopes (2006), que afirmam: “Caeiro é o eixo central em torno do qual giram as outras vozes de Pessoa. Ele simboliza o instinto, a experiência e o contato direto com a vida, elementos que os demais heterônimos buscam alcançar ou interpretar” (Saraiva; Lopes, 2006, p. 214).

Em termos estilísticos, a poesia de Caeiro é desprovida de adornos e rimas elaboradas. Seu vocabulário é simples, como se refletisse a natureza que descreve. Porém, essa simplicidade é enganosa: por trás dela, existe uma profunda reflexão sobre o ser e o existir. Rocha (2011, p. 58) sugere que “Caeiro é o poeta da não-filosofia, pois sua aparente rejeição ao pensamento é, na verdade, um convite à reflexão sobre o próprio ato de viver”.

Ao celebrar o presente e rejeitar as construções teóricas que afastam o homem da natureza, Alberto Caeiro se coloca como uma figura revolucionária no modernismo português. Sua obra é uma manifestação do desejo humano de encontrar sentido na vida sem a necessidade de recorrer a artifícios intelectuais. Para Caeiro, “importava saber ver o mundo exterior, cada coisa em sua individualidade e novidade, maravilhar-se por ela existir” (Martins, 2010, p. 118).

É uma figura frequentemente associada ao sensacionismo:

Tendo como princípio fundamental, *sentir tudo de todas as maneiras e ser tudo e ser todos*, o sensacionismo foi para Pessoa *a arte da soma-síntese*, como lhe chamou, um todo no qual as partes, mesmo as mais díspares, se harmonizavam, como se de um atamor alquímico se tratasse (Martins, 2010, p.786).

É um “guardador de rebanhos”, conhecido pela sua filosofia panteísta, ligada à natureza, e às experiências sensoriais. Incorpora o sensacionismo em sua obra enfatizando a percepção sensorial e a simplicidade. Refuta a complexidade intelectual e filosófica, buscando uma abordagem mais prática e concreta da realidade.

Rocha (2019, p.58) afirma que, em *O Guardador de Rebanhos*, Caeiro se vê como alguém que vive em harmonia com a natureza e encontra a beleza na simplicidade do cotidiano. Essa obra é um convite à contemplação, a uma vida em sintonia com o presente e com o mundo natural. É uma das obras mais significativas de Alberto Caeiro.

#### Poema I de **O Guardador de Rebanhos**

Eu nunca guardei rebanhos,  
Mas é como se os guardasse.  
Minha alma é como um pastor,  
Conhece o vento e o sol  
E anda pela mão das Estações  
A seguir e a olhar.

Toda a paz da Natureza sem gente  
Vem sentar-se ao meu lado.  
Mas eu fico triste como um pôr do sol  
Para a nossa imaginação,  
Quando esfria no fundo da planície  
E se sente a noite entrada  
Como uma borboleta pela janela.

No Poema I de *O Guardador de Rebanhos* (Pessoa, 1993, p. 39), Alberto Caeiro apresenta elementos centrais de sua poética: a simplicidade, a comunhão com a natureza e a rejeição à metafísica. Logo nos primeiros versos, o eu lírico recorre a uma comparação que assume função metafórica ao longo do poema: “Eu nunca guardei rebanhos, / Mas é como se os guardasse”. Embora declare não ser literalmente um pastor, o sujeito poético identifica-se com essa figura arquetípica, símbolo de uma existência integrada à natureza, livre de abstrações filosóficas.

Rocha (2011) interpreta esses versos como a expressão de uma alma que busca a harmonia com o ciclo natural das coisas: “O pastor aqui simboliza o homem que observa

e sente, que não busca compreender, mas aceita o mundo em sua totalidade” (Rocha, 2011, p. 61). Caeiro apresenta sua alma como um pastor que “conhece o vento e o sol”, ou seja, que interage com a natureza de forma intuitiva e sensorial.

Outro aspecto importante do poema é a relação entre a paz da natureza e a melancolia humana. Quando o poeta afirma que “Toda a paz da Natureza sem gente / Vem sentar-se ao meu lado”, evidencia-se o contraste entre a tranquilidade externa e a inquietação interna.

A melancolia torna-se mais evidente na comparação com o pôr do sol, “triste para a nossa imaginação”. Aqui, o poeta denuncia o hábito humano de interpretar a natureza de forma metafórica ou sentimental, em vez de apenas observá-la como ela é. Essa crítica à abstração é recorrente na obra de Caeiro e central para sua filosofia. “Caeiro busca libertar a poesia da sobrecarga simbólica, resgatando a experiência sensorial como fonte primária de significado” (Saraiva; Lopes, 2006, p. 222).

Por fim, o poema termina com uma imagem delicada: a noite que “se sente [...] como uma borboleta pela janela”. Essa comparação, simples e sensorial, reflete a visão do mundo de Caeiro, em que tudo é aceito e celebrado em sua pureza. Para Rocha (2011), “a borboleta que entra pela janela simboliza a aceitação do fluxo natural da vida, que não precisa ser explicado, apenas vivenciado” (Rocha, 2011, p. 63).

Assim, o poema I de O Guardador de Rebanhos é uma introdução à filosofia de Alberto Caeiro, que rejeita a metafísica em favor de uma experiência direta e sensorial do mundo. Ele convida o leitor a abandonar interpretações complexas e a aceitar a simplicidade da vida no campo.

### **O Meu Olhar é Nítido como um Girassol**

O meu olhar é nítido como um girassol.  
 Tenho o costume de andar pelas estradas  
 Olhando para a direita e para a esquerda,  
 E de vez em quando olhando para trás...  
 E o que vejo a cada momento  
 É aquilo que nunca antes eu tinha visto,  
 E eu sei dar por isso muito bem...  
 Sei ter o pasmo essencial  
 Que tem uma criança se, ao nascer,  
 Reparasse que nascera deveras...  
 Sinto-me nascido a cada momento  
 Para a eterna novidade do Mundo...  
 (Pessoa, 1993, p. 24)

Neste poema, Caeiro expressa uma relação direta e sensorial com o mundo ao seu redor. Ele valoriza a pureza do olhar, como uma criança que vê tudo pela primeira vez, ressaltando a capacidade de maravilhar-se com o mundo. Caeiro se propõe a ver as coisas sem imposições de conceitos ou de conhecimentos prévios, enfatizando a ideia de viver o presente. Este “pasma essencial” caracteriza a sua filosofia de simplicidade, em que cada instante é visto como novo, e o “nascimento” é um processo contínuo de descoberta.

### **Sou um guardador de rebanhos**

Sou um guardador de rebanhos.  
O rebanho é os meus pensamentos  
E os meus pensamentos são todos sensações.  
Penso com os olhos e com os ouvidos  
E com as mãos e os pés  
E com o nariz e a boca.  
(Pessoa, 1993, p. 28)

Neste poema, Caeiro se identifica como um “guardador de rebanhos”, usando a metáfora do pastor para ilustrar sua filosofia. Seus pensamentos não são abstrações intelectuais, mas sensações; ele “pensa com os olhos e com os ouvidos”, ou seja, seu entendimento do mundo é fundamentado na experiência direta dos sentidos.

### **Há metafísica bastante em não pensar em nada**

Há metafísica bastante em não pensar em nada.  
O que penso eu do mundo? Sei lá o que penso do mundo!  
Se eu adocesse pensaria nisso.  
Que ideia tenho eu das coisas? Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?  
Que tenho meditado sobre Deus e a alma  
E sobre a criação do Mundo Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos  
E não pensar. É correr as cortinas  
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).  
(Pessoa, 1993, p.28)

No poema, Caeiro questiona o valor da metafísica, da filosofia e das grandes questões existenciais. Ele diz que “não pensar em nada” já é uma forma de metafísica, ou seja, que na simplicidade do não-pensar reside uma sabedoria prática. Ele despreza a necessidade de explicar o mundo, afirmando que a verdadeira sabedoria está em vê-lo tal como ele é, sem fechá-lo em teorias.

Desta forma, para Caeiro, filosofar ou tentar entender o “porquê” da existência apenas afasta o indivíduo da experiência genuína e imediata do mundo. Sua obra critica

a busca por explicações, propondo uma vida de contemplação simples, quase como uma meditação ativa em cada experiência.

### 1.1.2 Ricardo Reis

Ricardo Reis é também um dos heterônimos importantes de Fernando Pessoa, e sua figura poética representa uma das facetas mais serenas e filosóficas do autor. Criado por Pessoa entre 1912 e 1914, Ricardo Reis é um poeta marcado pelo estoicismo e pelo epicurismo, filosofias que pregam a tranquilidade da alma, o distanciamento das paixões e a busca pela aceitação do destino e da finitude. Ao longo da obra de Reis, encontramos uma constante reflexão sobre o tempo, a morte e a efemeridade da vida, sem apelos para a ação ou para o confronto com o sofrimento.

Ricardo Reis representa a voz do classicismo, da razão e da contenção emocional, sendo o que mais se aproxima da tradição greco-romana tanto na forma quanto no conteúdo. Médico de formação, monárquico, latinista, Reis constrói sua poesia com base na ideia da efemeridade da vida e na busca de equilíbrio diante da transitoriedade do mundo. Seu estilo é marcado por odes de estrutura clássica, inspiradas em Horácio<sup>4</sup>, com versos regulares e métrica precisa. O conteúdo de seus poemas valoriza a moderação, o recuo diante das paixões e a aceitação serena do destino – ideias centrais do estoicismo: “Senta-te ao sol. Abdica/ E sê rei de ti próprio” (Pessoa, 1983, p. 85).

Esse verso ilustra uma das principais ideias da filosofia de Ricardo Reis: a valorização do instante presente, sem ilusões metafísicas ou esperanças futuras. Para ele, os deuses são indiferentes, a vida é breve e só nos resta viver com dignidade e medida.

Além disso, a obra de Reis funciona como um contraponto à poética de outros heterônimos. Se Álvaro de Campos é emoção exacerbada e modernidade ruidosa, Reis é a voz da contenção e da tradição. Enquanto Caeiro nega a metafísica, Reis aceita a fatalidade do destino e propõe a contemplação racional da existência.

---

<sup>4</sup> Quinto Horácio Flaco (65 a. C. – 8 a. C.) viveu na chamada “Época de Ouro” da literatura latina, produzindo uma obra numerosa, que abrangia desde poemas satíricos até composições de louvor à pátria. Sua influência sobre a literatura posterior se deve principalmente a duas posturas filosóficas principais, apresentadas geralmente por meio de duas expressões: a *aurea mediocritas* (“mediocridade dourada”) e o *carpe diem* (“colhe o dia”) (Infante, Ulisses e Nicola, José de. **Como ler Fernando Pessoa**. São Paulo: Scipione, 1988, p. 58).

Como observam alguns críticos da obra de Fernando Pessoa, a poesia de Ricardo Reis reflete uma combinação de estoicismo e epicurismo, inspirada por filósofos como Sêneca e Epicuro, traduzindo-se numa ética da moderação e da aceitação serena do destino. Ricardo Reis reflete uma síntese de influências filosóficas da Antiguidade, especialmente o estoicismo e o epicurismo. O estoicismo, representado por filósofos como Sêneca e Epiteto, valoriza a aceitação serena do que está fora do controle humano, e a busca pela virtude como forma de alcançar a tranquilidade da alma. O epicurismo, fundado por Epicuro, também prega a busca pelo prazer simples, moderado e duradouro, sem excessos, como forma de evitar a dor e alcançar a felicidade. Em muitos poemas de Ricardo Reis, a morte é vista como uma certeza, mas não como algo a ser temido: “Mas tal como é, gozemos o momento, / Solenes na alegria levemente, / E aguardando a morte / Como quem a conhece” (Pessoa, 1983, p. 82). Ele propõe uma aceitação calma da finitude da vida, refletindo sobre a transitoriedade de todas as coisas. Ele faz apologia à “vida calma”, a um viver com moderação, sem grandes aspirações ou desespero.

Reis se destaca pela constante reflexão sobre o tempo, assumindo sempre um tom melancólico e consciente de sua fugacidade. Em seus poemas, é recorrente a ideia de que o tempo é limitado e que não se deve desperdiçá-lo na busca por algo grandioso ou intenso. O valor da existência manifesta-se na valorização do presente e na intensidade com que se vive cada instante, mesmo nas ações mais simples e aparentemente insignificantes. O poeta convida à inteireza do ser, à presença plena no agora, como se observa nos versos:

Para ser grande, sê inteiro: nada  
 Teu exagera ou exclui.  
 Sê todo em cada coisa. Põe quanto és  
 No mínimo que fazes  
 Assim em cada lago a lua toda  
 Brilha, porque alta vive (Pessoa, 1983, p. 146).

Nessa passagem, a grandeza existencial reside na integridade do gesto e na totalidade da entrega. Ao sugerir que a lua, mesmo refletida num lago, conserva sua inteireza por estar “alta”, o poeta simboliza a sabedoria de quem vive com plenitude. O sujeito alcança sua realização ao ser inteiro em tudo o que faz, uma lição de simplicidade e permanência.

Embora o amor seja um tema abordado, ele é tratado com certo distanciamento, como um prazer transitório, e não como uma aspiração absoluta. Para Reis, o amor deve

ser vivido de forma serena e comedida, pois a entrega excessiva pode comprometer o equilíbrio emocional. O poeta diz: “Pouco me importa / Amor ou Glória, / A riqueza é um metal, a glória é um eco / E o amor uma sombra” (Pessoa, 1983, p. 101). Trata-se de um sentimento efêmero, que deve ser desfrutado sem expectativas duradouras ou idealizações exacerbadas. “Em Ricardo Reis, o drama da consciência moderna é suspenso pela máscara de uma sabedoria serena e clássica. É o mais consciente dos heterônimos” (Lourenço, 1999, p. 35).

Em muitos de seus poemas, ele reflete sobre a finitude da vida e o caráter efêmero do tempo, que são temas centrais no conceito de *carpe diem*<sup>5</sup>. Em um de seus poemas, Ricardo Reis expressa esse pensamento: “Assim, façamos nossa vida *um dia*, / Inscientes, Lídia, voluntariamente / Que há noite antes e após / O pouco que duramos” (Pessoa, 1983, p. 87).

Esse verso ilustra a ideia de que *carpe diem* não é um convite ao prazer momentâneo e excessivo, mas sim uma reflexão sobre a inevitabilidade da morte e a necessidade de aproveitar o que se tem sem esperar pelo futuro, vivendo o presente com equilíbrio e calma. A ideia de aproveitar o momento não se reflete numa busca desenfreada, mas sim numa atitude contemplativa e de aceitação da finitude.

Em síntese, o poeta ensina que o prazer está na simplicidade e que a verdadeira paz vem de aceitar aquilo que não podemos mudar, incluindo o tempo e a morte. Para Reis, o verdadeiro aproveitamento do dia está em viver com sabedoria, aceitando as limitações e as certezas da vida, como a sua brevidade. Dessa forma, em sua poesia apresenta-se uma aceitação consciente da impermanência e uma valorização dos pequenos prazeres cotidianos.

### 1.1.2 Álvaro de Campos

Álvaro de Campos é um dos heterônimos mais conhecidos de Fernando Pessoa, geralmente descrito pela crítica como um modernista intenso e emocional, que vive os extremos da alegria e do desencanto. Sua poesia é marcada pelo dinamismo, pela celebração da modernidade, pela melancolia existencial e pela busca de sentido em um

---

<sup>5</sup> De acordo com Chaer (1983, p. 94), o *carpe diem* é traduzido de maneiras diversas, mas com poucas variantes: “aproveita o dia de hoje; goza, colhe o dia de hoje; atende ao presente; toma com alegria os dons da hora presente; aproveitemos o ensejo da hora presente”.

mundo em rápida transformação. Criado com uma biografia própria, engenheiro de formação e profundamente marcado por experiências estéticas e existenciais, A análise de sua poesia revela um eu-lírico multifacetado, marcado por excessos emocionais e pela angústia frente ao universo fragmentado e desumanizado do século XX.

De acordo com Karina Fernanda Gonçalves e Isabel Maria de Barros Dias (2022), Álvaro de Campos é o heterônimo que já manifestava, em suas obras, valores humanísticos capazes de perceber a transformação da sociedade de produtores em sociedade de consumidores. Nesse sentido, o heterônimo de Pessoa realiza uma viagem futurista entre o surgimento da indústria automobilística e de consumo, associadas ao *marketing* e publicidade.

Gonçalves e Dias (2022, p.3) afirmam que o consumo só acontece porque há produção, o processo de consumo exige uma produção simbólica do real. O percurso antropológico mostra a construção do imaginário e, nesse contexto, reaviva imagens primordiais, arquétipos, esquemas e símbolos que surgem como um equipamento mitológico que vem desde o *Homo sapiens*. O futurismo também olhava para o primitivismo e as tradições folclóricas como um antepassado desse imaginário. Álvaro de Campos, em sua poesia, capta a essência contraditória da modernidade, em que o progresso técnico e industrial coexiste com a necessidade humana de construir um imaginário simbólico. O consumo, entendido não apenas como material, mas também como simbólico, é um tema central na obra de Álvaro de Campos, pois ele percebe que a modernidade exige uma constante produção de imagens e significados que alimentem o desejo humano por pertencimento e transcendência.

O poeta revela, em seus poemas, uma profunda angústia existencial, marcada pela aceleração do progresso e pela crise de identidade do sujeito moderno. Seu lirismo fragmentado é expressão de um “eu” dilacerado pela consciência de sua pequenez diante do mundo e pela insatisfação constante com a realidade.

O que há em mim é sobretudo cansaço –  
 Não disto nem daquilo,  
 Nem sequer de tudo ou de nada:  
 Cansaço assim mesmo, ele mesmo,  
 Cansaço (Pessoa, 1993, p. 64)

Álvaro de Campos incorpora, assim, uma visão de mundo que combina o desejo por inovação com ecos de um passado arquetípico. O futurismo enxergava no primitivismo uma raiz para a criação do imaginário moderno. A velocidade e o

dinamismo exaltados pelos futuristas não negavam completamente as tradições; pelo contrário, essas tradições eram reinterpretadas como símbolos atemporais que conectavam o homem ao seu espírito ancestral.

Na Ode Marítima, Álvaro de Campos expressa uma dualidade profunda ao se posicionar como herdeiro simbólico dos navegadores portugueses, associando a aventura marítima a imagens folclóricas e arquetípicas do explorador. Para ele, o passado não é apenas uma nostalgia, mas um combustível mítico que alimenta a busca por significado na modernidade. Essa perspectiva é evidenciada quando o poeta afirma:

Ah, quem sabe, quem sabe,  
Se não parti outrora, antes de mim,  
Dum cais; se não deixei, navio ao sol  
Oblíquo da madrugada,  
Uma outra espécie de porto?  
(Pessoa, 1993, p. 162).

Essa evocação sugere uma conexão ancestral com as jornadas marítimas, simbolizando a contínua busca humana por novos horizontes e compreensão de si mesmo.

A produção simbólica assume um caráter crítico em *Tabacaria*, poema em que Álvaro de Campos problematiza o vazio existencial que atravessa a experiência moderna. Nele, o sujeito lírico reflete sobre a falência dos sistemas de sentido – industriais, folclóricos ou poéticos – diante do abismo do ser. A famosa expressão “Falhei em tudo” revela a crise de um eu que, mesmo cercado por múltiplos discursos e significados culturais, sente-se irremediavelmente dissociado de qualquer essência. Tal desencanto é uma marca da modernidade, marcada pela tensão entre o excesso de signos e a carência de significados. Como observa Alfredo Bosi (1999, p. 347), “a modernidade transforma-se em uma incessante fabricação de mitos que simulam responder às angústias do presente”, apontando para o caráter ilusório das construções simbólicas que pretendem dar conta da complexidade do existir. Em *Tabacaria*, o heterônimo não apenas registra essa tensão, mas antecipa um debate crucial da contemporaneidade: o entrelaçamento entre memória e desejo, tradição e modernidade, silêncio interior e ruído simbólico.

Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.  
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,  
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,  
Vejo os cães que também existem,  
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,  
E tudo isto é estrangeiro, como tudo (Pessoa, 1993, p. 252).

Álvaro de Campos apresenta três fases distintas: A fase Sensacionista, caracterizada por um otimismo exacerbado e pela exaltação da modernidade, como em “Ode Triunfal”. Nesta fase, ele celebra as máquinas, a tecnologia e o ritmo frenético da vida urbana. O poema começa com o verso “À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica” (Pessoa, 1993, p. 144), que exemplifica a fusão do eu com a modernidade industrial. Aqui, a poesia de Campos é dominada pelo ideário futurista, mas com um tom que não esconde a inquietação subjacente. A Fase Intermediária: nessa etapa, o tom exaltado dá lugar a uma introspecção mais reflexiva. Poemas como “Ode Marítima” mostram um eu-lírico dividido entre a nostalgia do passado e o desejo de transcendência. O mar é um símbolo de aventura e liberdade, mas também de isolamento e solidão. Alfredo Bosi observa que em “Ode Marítima”, “há uma profunda ambivalência: o mar como memória coletiva e a aventura como expressão individualista” (Bosi, 1999, p. 342). A Fase Pessimista, nesta última fase, a angústia existencial atinge seu ápice, como em “Tabacaria”. O sujeito poético reflete sobre o vazio da existência, a banalidade da vida e a falta de sentido. Versos como “Falhei em tudo” traduzem a resignação de alguém que confronta a pequenez da vida perante o cosmos.

Benedito Nunes destaca que “Tabacaria é o ponto culminante de Álvaro de Campos, em que a modernidade se transforma em solidão metafísica” (Nunes, 2003, p. 215). Em todos os seus poemas, Álvaro de Campos revela a tensão entre a euforia pelo novo e o sentimento de desamparo. Enquanto “Ode Triunfal” celebra a modernidade, “Tabacaria” a desconstrói. Esse paradoxo reflete a ambivalência do homem moderno, incapaz de encontrar um sentido estável em meio às mudanças constantes.

Para Alfredo Bosi, “a poesia de Campos é a expressão mais completa da contradição entre o homem e o progresso” (Bosi, 1999, p. 345). Álvaro de Campos é mais do que um heterônimo; é uma síntese poética das angústias e esperanças da modernidade. Sua obra desafia convenções e convida o leitor a refletir sobre o papel do indivíduo em um mundo em constante mudança. A crítica brasileira, ao reconhecer a universalidade de sua poesia, insere Campos entre os grandes intérpretes do espírito moderno.

## 2 FERNANDO PESSOA ORTÔNIMO

Fernando Pessoa, ortônimo, revela uma faceta distinta de sua complexa personalidade literária. Essa voz poética, embora mais direta, está longe de ser simples: é filosófica, introspectiva e marcada por um constante questionamento existencial. Ao contrário dos heterônimos, que fragmentam sua identidade em estilos e visões específicas, o Pessoa ortônimo busca refletir sobre si mesmo e sobre o mundo com uma linguagem aparentemente límpida, mas carregada de inquietações metafísicas. Como afirma Eduardo Lourenço, “o ortônimo é o centro vazio da roda heteronímica, onde todas as possibilidades confluem, mas nenhuma se fixa” (Lourenço, 1999, p. 55).

Seus versos, muitas vezes simples na forma, são densos em conteúdo. Essa combinação torna sua obra acessível e, ao mesmo tempo, desafiadora para os leitores. Em contraste com os seus heterônimos, o ortônimo reflete um poeta mais próximo de si mesmo, porém ainda dividido entre a razão e o sentimento.

### Autopsicografia

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.  
[...]  
(Pessoa, 2011, p. 108)

No poema *Autopsicografia*, Fernando Pessoa desconstrói a ideia romântica do poeta como alguém que simplesmente expressa sentimentos autênticos. Em vez disso, apresenta a poesia como uma elaboração intelectual e estética da emoção, revelando um jogo entre verdade e ilusão. O poeta não sente apenas: ele representa, encena e transforma a dor em arte. Essa concepção destaca o papel criativo e transformador da linguagem poética. Como observa José Paulo Paes, “a emoção, em Pessoa, é quase sempre um artifício da inteligência, e o sofrimento, uma construção estética” (PAES, 1999, p. 114). Assim, o fingidor não engana: ele revela, por meio da arte, as camadas complexas da existência humana, nas quais emoção e razão se entrelaçam.

Essa visão se alinha ao universo heteronímico de Pessoa, no qual ele cria vozes independentes para expressar diferentes facetas do ser humano. Seja como ortônimo ou por meio dos heterônimos, Pessoa busca explorar os múltiplos modos de sentir e interpretar o mundo.

A poesia ortônima é atravessada por temas como o tempo, a essência do ser, a dúvida e a efemeridade da existência. Para Alfredo Bosi, “o ortônimo se apresenta como um ser dividido entre o anseio da totalidade e a certeza da fragmentação” (Bosi, 2000, p. 345), o que torna sua poesia um espelho das contradições modernas.

A obra de Fernando Pessoa “por ele mesmo” não é menos densa ou sofisticada que a produção de seus heterônimos. Ao contrário, é nela que o poeta dramatiza sua própria consciência, transfigurando o eu num campo de tensão entre o anseio por unidade e a inevitável fragmentação do sujeito moderno. Entre os textos ortônimos, destaca-se *Mensagem* (1934), único livro publicado em vida por Pessoa em língua portuguesa, que condensa sua ambição de construir um mito para Portugal por meio da poesia.

Como observa Lourenço, “*Mensagem* é o mais próximo que Pessoa esteve de ser um só – mas esse um é Portugal, é o mito de Portugal” (Lourenço, 1999, p. 147). A obra representa, assim, um momento singular da lírica ortônima: nela, o fingidor universal torna-se intérprete do passado glorioso e visionário do futuro, propondo uma síntese poética entre individualidade e coletividade, entre o íntimo e o épico.

## **2.1 *Mensagem* – a voz épica do ortônimo**

Publicada em 1934, a obra *Mensagem* representa, ao mesmo tempo, uma síntese poética da história de Portugal e um projeto espiritual de renascimento nacional. Fernando Pessoa, ao compor essa obra, única publicada em vida e assinada pelo ortônimo, propõe a recriação de uma epopeia nacional, com uma estrutura fragmentada, simbólica e introspectiva, em consonância com os princípios do modernismo.

Tradicionalmente, a epopeia é um gênero literário que exalta os feitos de um herói ou de um povo, conferindo-lhes grandeza mítica e valor coletivo. Obras como *A Odisseia*, de Homero, e *Os Lusíadas*, de Camões, exemplificam esse modelo clássico. Em *Mensagem*, contudo, a epopeia é deslocada da exterioridade da ação para a interioridade do mito e do símbolo. Como observa Eduardo Lourenço (1986, p. 44), “*Mensagem* não é apenas uma exaltação do passado, mas a tentativa de reinvenção espiritual da pátria”.

A obra é composta por 44 poemas, divididos em três partes: *Brasão* (19 poemas), *Mar Português* (12 poemas) e *O Encoberto* (13 poemas). Essa estrutura tripartida remete à divisão tradicional da epopeia (invocação, jornada, clímax ou resolução), mas é ressignificada por Pessoa segundo uma lógica simbólica. A primeira parte refere-se ao passado fundador; a segunda, à realização histórica através da expansão marítima; e a terceira, ao futuro profético da nação, sob o signo messiânico do Sebastianismo e do Quinto Império.

Do ponto de vista formal, *Mensagem* distancia-se dos cânones épicos clássicos. A obra apresenta poemas curtos, com métrica irregular e tom contido. A linguagem é altamente simbólica, e o lirismo contido substitui a grandiloquência tradicional da epopeia.

### 2.1.1 *Brasão* – simbologia da fundação de Portugal

A primeira parte, *Brasão*, como o nome sugere, remete ao escudo das armas nacionais, sendo subdividida em seções que remetem aos seus elementos: *Os Campos*, *Os Castelos*, *As Quinas* e *A Coroa*. Cada subdivisão foca em personagens históricos ou simbólicos que representam o alicerce do espírito português. Cada subdivisão agrupa figuras que simbolizam valores estruturantes da pátria: coragem, fé, conquista, missão espiritual. Pessoa apresenta personagens históricos como D. Afonso Henriques, D. Dinis, D. João I, o Infante D. Henrique e D. João II, além de figuras lendárias como Viriato e Ulisses – este último associado, na tradição mítica, à fundação da cidade de Lisboa.

A escolha desses personagens não visa apenas a reconstituição da história portuguesa, mas sua transfiguração simbólica. Como escreve Fernando Pessoa em “Ulisses”:

O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo —  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.  
(Pessoa, 2011, p. 33)

Nesse poema, o poeta define a sua concepção de mito: uma construção simbólica que, mesmo irreal no plano material, encerra uma verdade profunda. Desta forma, Pessoa transforma figuras históricas em arquétipos. Dom Henrique, Dom João I e II, D. Sebastião, entre outros, são evocados não como simples homens, mas como

manifestações de um ideal nacional. Na parte V, “O timbre”, “A cabeça do grifo/ O infante D. Henrique”, o poeta escreve: “Tem aos pés o mar novo e as mortas eras – /O único imperador que tem, deveras, /o globo mundo em sua mão” (Pessoa, 2011, p. 47).

Seus poemas reconstróem, sob uma ótica mitopoética, como escreve Luiz Fernando Dias Prado (2021), em artigo, publicado no Jornal da USP, a constituição de Portugal, por meio da evocação de figuras históricas e lendárias. Assim, *Brasão* configura-se como a base simbólica da epopeia pessoana, sobre a qual se erguerá o edifício espiritual de Portugal, tal como concebido pelo poeta.

### 2.1.2 Mar Português – simbologia da expansão marítima

A segunda parte da obra, *Mar Português*, é dedicada à epopeia dos Descobrimentos. Pessoa exalta o espírito aventureiro dos navegadores, mas também aponta o preço pago por tal façanha: o sofrimento, a dor e o sacrifício dos que partiram sem volta. Em “Mar Português”, assim diz o poeta: “Tudo vale a pena /Se a alma não é pequena [...] Quem quer passar além do Bojador /Tem que passar além da dor” (Pessoa, 2011, p. 60). O mar não é apenas espaço de conquista, mas também de provação espiritual. A grandiosidade do feito não é medida apenas em termos materiais, mas sobretudo no âmbito simbólico e moral.

Pessoa dá continuidade ao tom épico e laudatório iniciado na primeira parte, *Brasão*, mas o faz deslocando o foco do passado mítico e fundacional da nação para o período histórico das Grandes Navegações. Aqui, o poeta constrói um canto ao mar como espaço de realização do destino heroico português, exaltando a coragem, a fé e o espírito de aventura dos navegadores lusos que, sem saber o que encontrariam além da linha do horizonte, lançaram-se ao desconhecido movidos por um ideal quase místico.

O mar surge como uma entidade ambígua: ao mesmo tempo espaço de perigo e morte, mas também de glória, transcendência e realização nacional. Assim, o *Mar Português* transforma-se em símbolo do destino coletivo, um “fado histórico” que os navegadores aceitaram cumprir com sofrimento e coragem.

No poema “Mar português”, Pessoa sintetiza essa visão simbólica:

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar  
 Para que fosses nosso, ó mar!  
 (Pessoa, 2011, p.60)

A valorização do sofrimento como parte da glória nacional está alinhada à noção pessoana de um destino espiritual que transcende o indivíduo em nome de uma missão coletiva. Como observa Teresa Rita Lopes (2000, p. 56), “o mar em Pessoa é o lugar onde se cumpre o destino de Portugal, não como potência política, mas como ideal espiritual”. A epopeia dos navegadores é, assim, menos uma conquista imperial e mais um gesto de entrega a um propósito superior.

Ao destacar figuras históricas, Pessoa não os trata como meros navegadores, mas como “eleitos”, investidos de um papel quase messiânico. Esses personagens são apresentados como instrumentos de uma vontade superior – a “missão civilizadora” ou o “império espiritual” português. Em poemas como “O Infante”, o poeta escreve: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce” (Pessoa, 2011, p. 51).

Esse verso emblemático reafirma a crença na realização de um desígnio maior, em que o sonho humano, aliado à vontade divina, dá origem à grandeza da pátria. É, assim, por meio da ação heroica no mar, que o império português se afirma não apenas no plano político, mas sobretudo no plano do espírito.

A glória das navegações é, portanto, um símbolo do que Portugal foi capaz de fazer e um indício do que poderá ser, caso reencontre sua missão espiritual. A epopeia marítima torna-se, assim, não apenas uma conquista material, mas uma missão transcendental que inscreve Portugal na história do espírito humano.

### 2.1.3 O Encoberto – simbologia do futuro mítico da nação

A última parte, *O Encoberto*, é a mais densa e metafísica. Pessoa evoca o mito sebastianista: a crença de que Dom Sebastião<sup>6</sup>, o rei desaparecido em Alcácer-Quibir,

---

6 D. Sebastião (Lisboa, 20 de janeiro de 1554 – Alcácer Quibir, 4 de agosto de 1578), apelidado de “o Desejado” e “o Encoberto”, foi o Rei de Portugal e dos Algarves de 1557 até 1578. Era filho do príncipe D. João Manuel e de D. Joana da Áustria. Ascendeu ao trono muito jovem, aos três anos, após a morte de seu avô, o rei D. João III, sendo instaurada uma regência durante a sua menoridade, primeiro por sua avó, a rainha D. Catarina da Áustria e, depois, por seu tio-avô o cardeal D. Henrique. O jovem rei lançou-se em uma guerra santa, falecendo durante a batalha de Alcácer-Quibir, o que ameaçou a soberania portuguesa. Entretanto, ele se transformou em uma lenda, de forma que muitos portugueses passaram a acreditar que ele um dia retornaria para salvar a todos.

retornará para restaurar a grandeza de Portugal. O “Encoberto” é o símbolo da esperança messiânica, do renascimento espiritual, do Quinto Império – um império não de território, mas do espírito. Nos poemas: “Primeiro/O Bandarra”, Pessoa afirma: “Não foi nem santo nem herói, /Mas Deus sagrou com Seu sinal /Esse cujo coração foi /Não português mas Portugal” (Pessoa, 2011, p. 68); em “Segundo/Antônio Vieira”, o poeta diz: “A madrugada irreal do Quinto Império / Doira as margens do Tejo” (Pessoa, 2011, p. 69). Pessoa retoma ideias de Bandarra e Pe. Antônio Vieira para sustentar que Portugal tem uma missão espiritual no mundo.

Como afirma Prado (2000), Na terceira parte da obra *Mensagem* “Pessoa entra no tempo da espera. Os mitos do sebastianismo e do Quinto Império dominam suas três seções: *Os Símbolos*, *Os Avisos* e *Os Tempos*.” O tom melancólico, que atravessa os poemas, revela a visão crítica de Pessoa diante do contexto português do século XX – uma nação que, aos olhos do poeta, perdeu sua grandiosidade espiritual e histórica, mergulhada em decadência e desalento. No entanto, *O Encoberto* não se limita à crítica; ela aponta, por meio da mitologia e do misticismo, para uma possível regeneração nacional. Nessa perspectiva, a decadência presente é apenas um estágio que antecede o renascimento. A obra, em sua totalidade, constitui uma leitura mítica e simbólica da História de Portugal, mas é nesta terceira parte que esse caráter se intensifica, com a presença de figuras simbólicas, profecias e elementos ocultistas.

Pessoa, grande admirador de ciências esotéricas e do pensamento metafísico – como a astrologia, a teosofia e o rosacruzianismo –, imprime em *O Encoberto* uma cosmovisão mística. O poeta revisita a história a partir de três grandes mitos estruturantes, que funcionam como eixos simbólicos da interpretação pessoana da identidade portuguesa: o mito do Sebastianismo, o mito do Quinto Império e o mito do herói fundador.

O mais evidente deles, que dá nome à própria seção, é o mito do Encoberto, ou mito sebástico, centrado na figura de Dom Sebastião. A ausência do rei alimentou a esperança de seu retorno messiânico para restaurar a glória de Portugal. Pessoa apropria-se desse mito para recriar um imaginário de redenção: Dom Sebastião é o símbolo de um “rei futuro”, um eleito que trará uma nova era de espiritualidade e grandeza.

No poema “Nevoeiro”, que encerra a obra, o poeta escreve:

---

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,  
 Define com perfil e ser  
 Este fulgor baço da terra  
 Que é Portugal a entristecer—  
 Brilho sem luz e sem arder,  
 Como o que o fogo-fátuo encerra.  
 (Pessoa, 2011, p. 76)

A imagem do “nevoeiro” funciona como uma poderosa metáfora da condição espiritual do país: perdido, sem rumo, envolto em incertezas. Pessoa propõe, assim, um despertar coletivo, um apelo à consciência espiritual da nação, chamando os portugueses a reconhecerem sua verdadeira missão histórica. O mito sebástico é resgatado não como nostalgia vazia, mas como projeto de futuro.

Outro eixo simbólico é o mito do Quinto Império, uma ideia que remonta ao padre António Vieira, segundo a qual Portugal seria a sede de um novo império universal, espiritual e cultural, o qual levaria ao mundo os valores cristãos de paz e harmonia. Pessoa incorpora essa ideia como a culminação da missão portuguesa. Através da figura do “Encoberto”, o poeta vislumbra esse futuro redentor. Portugal, embora decadente no presente, carrega ainda a semente de uma grandeza por vir. No poema “O quinto império”, o poeta diz: “A terra será teatro / Do dia claro, que no atro / Da erma noite começou” (Pessoa, 2011, p. 64).

*O Encoberto* apresenta, assim, três divisões. Na primeira, “Os Símbolos”, apresenta a figura de D. Sebastião. Na segunda, “Os Avisos”, o enfoque é nos profetas do Quinto Império: Bandarra; Antônio Vieira e um eu-lírico não identificado. Na terceira parte, “Os Tempos”, há um acréscimo no misticismo com o poeta revelando suas sensações sobre o apagamento e ostracismo de Portugal, apontando, ao mesmo tempo, para o desejo do retorno à glória com a vinda de um novo D. Sebastião.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procurou-se refletir sobre a complexa e multifacetada construção do sujeito poético em Fernando Pessoa, tendo como eixo central a fragmentação do eu e a busca pela unidade. A criação dos heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos revelou-se como a expressão de uma profunda divisão interior do poeta, que encontrou na multiplicidade de vozes uma forma de explorar diferentes modos de ser, sentir e compreender o mundo. Cada um desses heterônimos

encarna uma visão distinta da existência, o que reforça a ideia de que, em Pessoa, a identidade é plural, fluida e, por vezes, contraditória.

Contudo, essa fragmentação não implica a negação da unidade, mas, paradoxalmente, aponta para uma busca constante por ela. A obra *Mensagem*, assinada pelo ortônimo, surge como um contraponto a essa dispersão identitária. Trata-se de um livro singular dentro do *corpus* pessoano, por reunir um discurso mais coeso, nacionalista e simbólico, voltado para a reconstrução de um ideal coletivo – o de um Portugal mítico, sebastianista e glorioso. Nesse sentido, *Mensagem* representa, sob certo aspecto, uma tentativa de reconciliação entre o múltiplo e o uno, entre o poeta fragmentado e o desejo de totalidade.

A análise da simbologia e do tom épico presentes em *Mensagem* permite compreender como Pessoa, mesmo imerso na modernidade e na consciência da ruptura do sujeito, aspirava a uma unidade que transcendesse o eu individual. O mito, o sonho e a profecia, recorrentes na obra, funcionam como elementos de coesão, unindo passado e futuro, fragmento e totalidade, indivíduo e nação.

Diante do exposto, podemos concluir que a poética de Fernando Pessoa está enraizada em uma tensão criativa entre dispersão e unificação. Seus heterônimos não anulam o ortônimo, mas o complementam, formando juntos uma constelação poética única na literatura universal. A fragmentação do eu, característica recorrente na poética de Fernando Pessoa, transforma-se em um impulso na busca estética e existencial do sujeito lírico, culminando em *Mensagem*, obra em que tal cisão é superada pela construção de uma identidade coletiva. Como diz o poeta em “Terceiro”: “Quando virás, ó Encoberto, / Sonho das eras português / Tornar-me mais que o sopro incerto / De um grande anseio que Deus fez?” (Pessoa, 2011, p. 70). Nesse contexto, o eu poético assume a missão de vocalizar a alma de uma nação – Portugal, concebida como portadora de um destino restaurador e messiânico, cuja expressão simbólica se realiza por meio da palavra poética.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CHAER, Laura. O Tema do “Carpe Diem” em Horácio: sua influência nos poetas do Renascimento. In: GODOY, Heleno (org.). **O ser da linguagem**: estudos apresentados a

Egídio Turchi pelos professores do Departamento de Letras da Universidade Católica de Goiás. Goiânia: Editora da UCG, 1983.

GONÇALVES, Karina Fernanda; DIAS, Isabel Maria de Barros. **Álvaro de Campos e seu imaginário futurista: mitologia da sociedade de consumo**. Travessias, Cascavel, v. 16, n. 3, p. e29627, 2022. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/29627>. Acesso em: 20 set. 2024.

LOURENÇO, Eduardo. **Fernando, rei da nossa Baviera**. Lisboa: Gradiva, 1999.

LOURENÇO, Eduardo. **O labirinto da saudade: psicanálise mítica do destino português**. 4. ed. Lisboa: Gradiva, 1999.

MARTINS, Fernando Cabral. **Dicionário de Fernando Pessoa e do modernismo português**. São Paulo: Leya, 2010.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. São Paulo: Cultrix, 2008.

NUNES, Benedito. **Fernando Pessoa: Razão e Mistério**. São Paulo: Ática, 2003.

PAES, José Paulo. Fernando Pessoa: o fingidor fingido. In: \_\_\_\_\_. **Os melhores poemas de Fernando Pessoa**. São Paulo: Global, 1999.

PESSOA, Fernando. **Poemas de Alberto Caeiro**. 10. ed. Lisboa: Ática, 1993.

PESSOA, Fernando. **Ficções do Interlúdio 2: Odes de Ricardo Reis/3: Para além do outro oceano de C[oe]lho** Pacheco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

PESSOA, F. **Poesias de Álvaro de Campos**. São Paulo: Ática, 1993.

PESSOA, Fernando. **Mensagem**. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2011.

PRADO, Luiz. Em “Mensagem”, poesia é arma para construir o futuro. **Jornal da USP**. 06 jul. 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/em-mensagem-poesia-e-arma-para-construir-o-futuro/>. Acesso em: 20 mai. 2025.

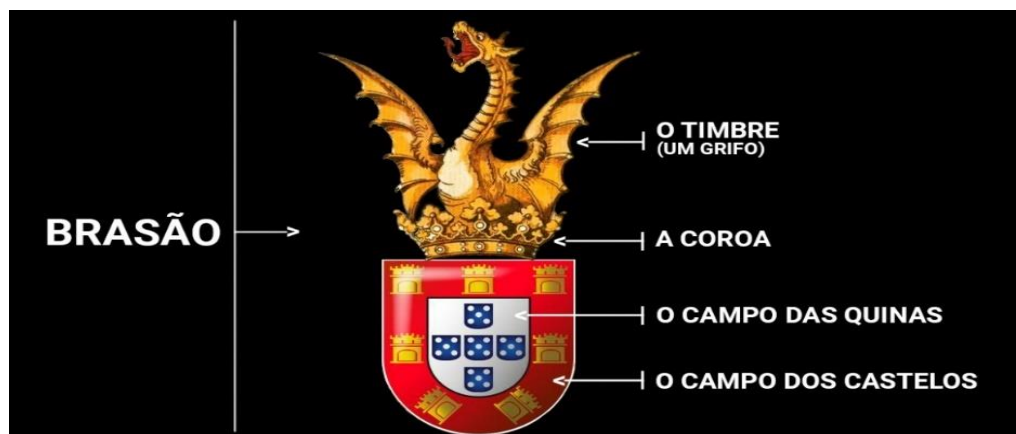
ROCHA, Rubens José da. **Despersonalização e personificação na obra poética de Fernando Pessoa**. Tese (Doutorado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2019.

ROCHA, Rubens José da. **Fernando Pessoa e a Multiplicidade do Ser**. Rio de Janeiro: Ed. Poética, 2011.

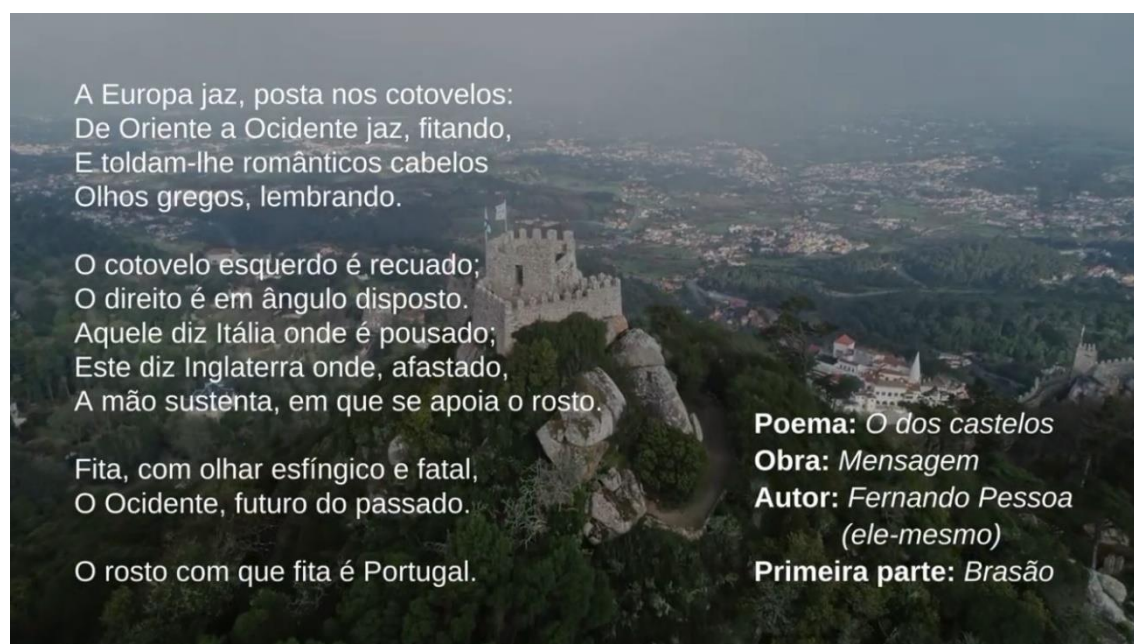
SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2006.

## ANEXOS

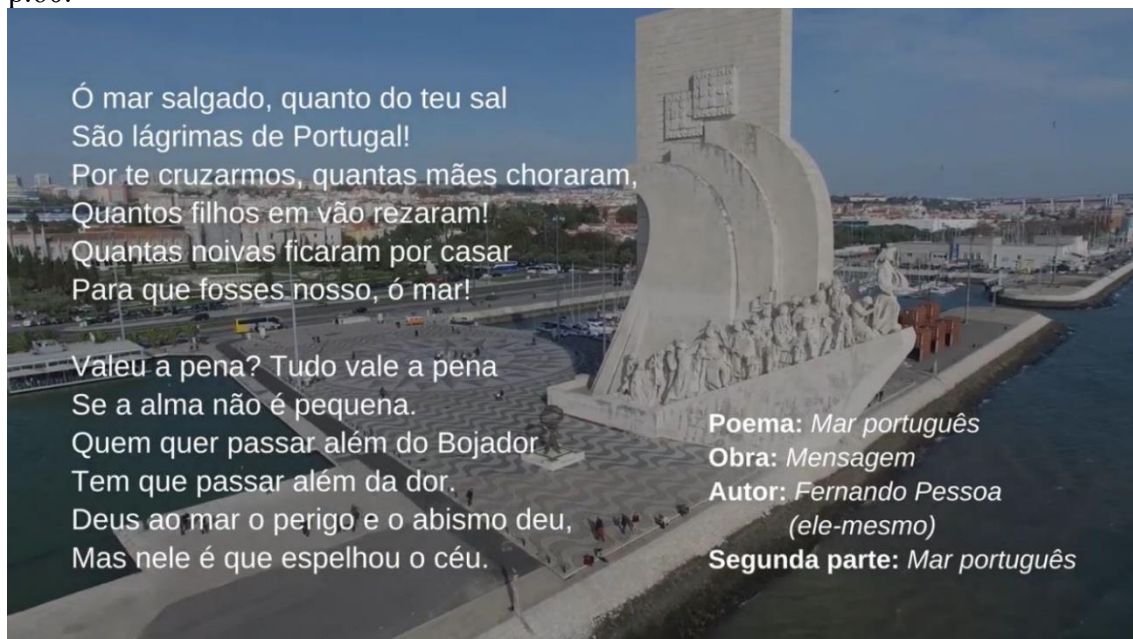
Anexo A – O Brasão - Fonte: *Jornal da USP*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/em-mensagem-poesiae-arma-para-construir-o-futuro/>.



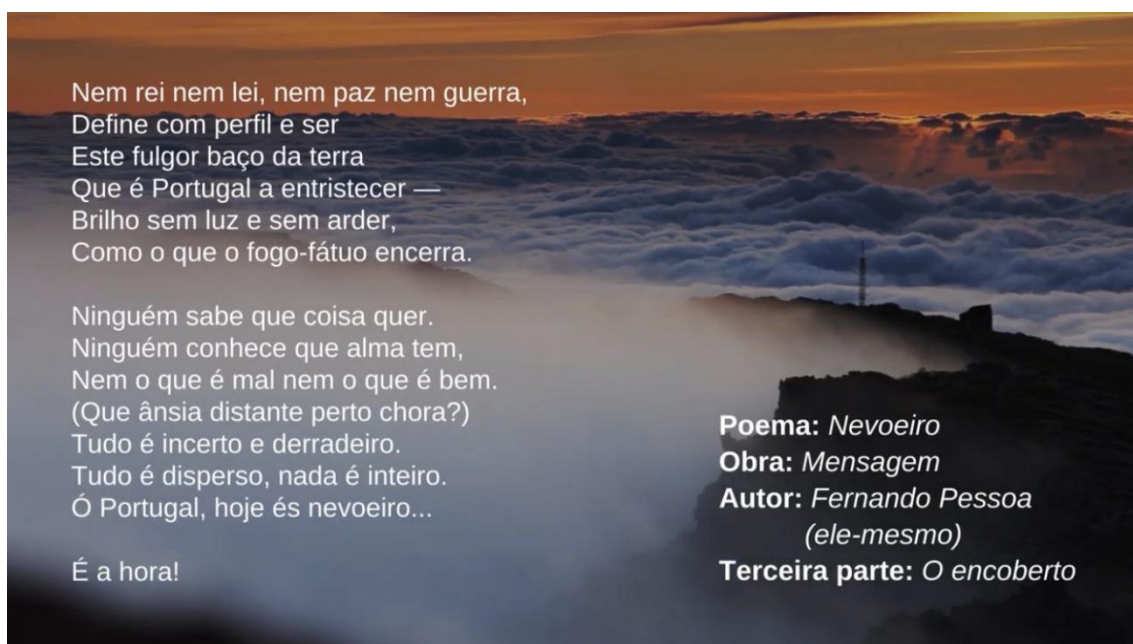
Anexo B – PESSOA, F. O dos castelos. In.: **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2011. p.31.



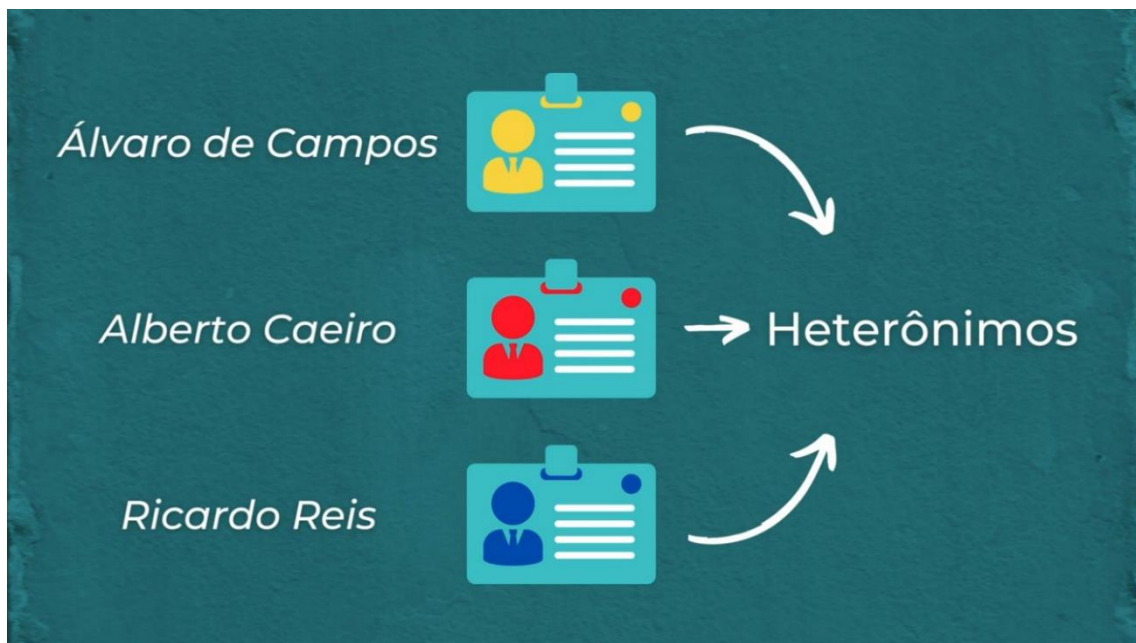
Anexo C – PESSOA, F. Mar Português. In.: **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2011. p.60.



Anexo D – PESSOA, F. Nevoeiro. In.: **Mensagem**. São Paulo: Martin Claret, 2011. p.76.



## Anexo E – Heterônimos



## Anexo F – Ortônimo



## Anexo G – Mensagem



## Anexo H– Castelo de São Jorge - Lisboa



Anexo I – Castelo de São Jorge - Lisboa



Anexo J – Baixa Chiado – Rua Garret – Homenagem Centenário Fernando Pessoa



Anexo K – Estátua de bronze de Fernando Pessoa, em frente à Cafeteria *A Brasileira*

